



## **A NECESSIDADE E O DESAFIO DE ALTERNATIVAS AO DESENVOLVIMENTO: UM PREFÁCIO**

### ***THE NEED AND ALTERNATIVES TO DEVELOPMENT: A PREFACE***

María Luisa Eschenhagen<sup>6</sup>

Em um contexto político e econômico que continua insistindo em modelos clássicos de desenvolvimento cada vez mais neoliberais, apesar das intermináveis advertências e evidências das mais diversas instâncias (governamentais, econômicas, sociais, acadêmicas etc.), que demonstram que esses modelos se tornam prejudiciais à integridade socioambiental, é fundamental chamar a atenção e fazer esforços para pensar e possibilitar alternativas ao desenvolvimento. Porque o modelo hegemônico põe em perigo a capacidade de reproduzir a vida em longo prazo, isto é, ele está destruindo e matando a própria vida, como a conhecemos.

No entanto, não será possível ignorar a aparente força e sucesso - tanto político quanto econômico - que o desenvolvimento teve até agora. Aparente, porque ele só conseguiu isso à custa da vida. Até certo ponto, o próprio sistema hegemônico reconheceu este problema e começou a incorporar em seu discurso o desenvolvimento sustentável, que provou ser, por um lado, altamente instrumental e preocupado com o gerenciamento de problemas ambientais, e, por outro lado, muito eficaz para realizar a Lavagem Verde ou *Greenwashing* (ESCHENHAGEN, 2010). Ou seja, mais de 30 anos após sua aparição com o Relatório Brundtland “Nosso Futuro Comum” sobre desenvolvimento sustentável, não há melhorias substanciais (ESCHENHAGEN, 2015). Portanto, é necessário recuperar a preocupação em identificar claramente as causas e raízes históricas, sociais e filosóficas (como, por exemplo,

---

<sup>6</sup> María Luisa Eschenhagen atualmente trabalha na Escuela de Ciencias Sociales da Universidad Pontificia Bolivariana, Colômbia. Tem trabalhado no pensamento ambiental e epistemologias do Sul, analisando e buscando alternativas ao Desenvolvimento, bem como na Fundamentação Teórica da Educação Ambiental nas Universidades: mariesche22@gmail.com



epistemologias ou a filosofia da natureza no Ocidente), culturais etc., da ideia e da trajetória do desenvolvimento.

É possível identificar dois referenciais teóricos que podem ajudar a realizar este exercício de reconhecimento e compreensão das raízes e causas do problema do desenvolvimento. Por um lado, os efeitos que permitem reconhecer a modernidade/colonialidade, como por exemplo, a colonialidade do saber, dão uma primazia e dinâmica *sui generis* ao discurso do desenvolvimento, como aponta Arturo Escobar, desde meados da década 90. Por outro lado, os impactos ambientais causados pelo desenvolvimento geraram um pensamento ambiental rico e diversificado na América Latina (LEFF, 2009).

Assim, a compreensão de um contexto amplo de desenvolvimento, além de uma perspectiva sobre modernidade/colonialidade e pensamento ambiental, como um todo, oferece a oportunidade de ter critérios mais claros para reconhecer alternativas *de* desenvolvimento, o que seria "mais do mesmo, mas diferente", ou alternativas *ao* desenvolvimento, que, efetivamente, terão que ir além do próprio desenvolvimento, abandoná-lo, deixá-lo para trás.

No entanto, a realização deste exercício não é nada fácil, porque todo o sistema educacional, até nos mais altos níveis, é sistematicamente direcionado para a profissionalização e implementação do desenvolvimento, de uma forma ou de outra. É o perigo de contar uma história única, como bem ilustra Adichie (2009). Por isso é tão importante contar muitas outras histórias agora. Reitero, sair dos quadros habituais do pensamento, raciocínio e até sentimento não é fácil ou óbvio, devido à naturalização de normas, valores e costumes na vida cotidiana. Portanto, este exercício requer um esforço consciente e dedicado. Porque as "armadilhas" são muitas, que acreditam ir mais longe e, sem perceber, são reiteraões de nós e laços profundos, ainda invisíveis. Daí a necessidade de ter um panorama de critérios claros para diferenciar entre alternativas *de* e *ao* desenvolvimento.

Agora, uma maneira possível de procurar alternativas *ao* desenvolvimento é aceitar o convite de maneira consistente, fazendo com que a modernidade/colonialidade estabeleça diálogos horizontais com outras epistemologias em torno de certas preocupações



específicas. E, definitivamente, um aspecto indiscutível que as alternativas ao desenvolvimento terão que considerar será a questão ambiental.

Esta questão é marcada e intimamente relacionada à compreensão da relação ser-humano-natureza. Portanto, será importante dialogar com outras epistemologias e saberes sobre quais são suas concepções a respeito dessa relação, já que, no mundo moderno, ocidental, judaico-cristão, ela é caracterizada por uma profunda divisão. Uma concepção que coisifica e objetifica a natureza, para ser medida, planejada e explorada, como uma coisa inerte e substituível. Mas a vida não é substituível, muito menos planejada.

Por isso, não é e nem será suficiente tentar encontrar supostas soluções instrumentistas ou normativistas, que é o que está sendo proposto desde a Rio 92 (ou há 45 anos, se tomado a reunião de Estocolmo, em 1972, como o início da inserção do problema ambiental na agenda internacional). Contudo, 25/45 anos depois e não há melhorias substanciais. Isso se deve, entre outras razões, ao fato de que as teorias que sustentam esses instrumentos e normas, em seus fundamentos epistemológicos, não pensam ou consideram a vida (ESCHENHAGEN, 2015a). Elas são feitas para pensar em objetos, não em vida<sup>7</sup>.

Então, se no fundo se encontra o vínculo ser-humano-natureza, a proposta seria ouvir, aprender e dialogar de e com outras cosmovisões que têm demonstrado sobreviver por séculos, senão milênios, de maneira mais respeitosa com o meio ambiente. Para dar dois exemplos, o *sumak kawsay/suma qamaña* do Quechua/Aymara e o budismo. Ambas as visões são claras de que somos parte de um todo e não há divisão ou diferença entre os seres humanos e seu ambiente. Tanto que o próprio conceito de natureza acaba por ser inexistente e, em vez disso, o que está no centro da preocupação é a própria vida.

---

<sup>7</sup> Aqui é necessário diferenciar e apontar o seguinte: é claro não ser possível ignorar os enormes avanços que foram feitos na consolidação de campos de conhecimento como ecologia política, economia ecológica, história ambiental, pensamento ambiental ou sociologia ambiental – ainda que seja necessário salientar que eles, respectivamente, são relativamente marginais e desconhecidos dentro de suas respectivas disciplinas. Para confirmar e sustentar esse fato, basta rever os planos curriculares e seus conteúdos das respectivas carreiras, em praticamente qualquer universidade. É necessário evidenciar também, que, em geral, as ciências sociais, em suas raízes epistemológicas, continuam sem pensar na vida. Isto foi demonstrado de forma conclusiva por Enrique Leff (2014) em seu último livro, intitulado "A aposta pela vida", no que diz respeito à sociologia.



Este trabalho requer, portanto, uma revisão prévia do que seria a filosofia da natureza no Ocidente, para, então, encontrar os pontos de encontro ou divergência. Isso permitiria reflexões, discussões, comentários, debates emergentes a partir dos pontos de encontro e desacordo, por exemplo, em torno de conceitos como dualismo, o terceiro incluído, a complementaridade, realidade, ser, reciprocidade. É necessário um diálogo por meio de uma hermenêutica diatópica e equivalentes homeomórficos, como planejam Raimon Panikkar e Boaventura de Sousa Santos. Em outras palavras, são as discussões filosóficas que fornecem a base para as respectivas teorias.

Reflexões e discussões filosóficas que são necessárias, mas que foram perdidas, marginalizadas ou invisibilizada<sup>8</sup>, já que é possível imaginar, por exemplo, o estabelecimento do Estado-Nação democrático sem as bases filosóficas que se realizaram em volta de conceitos como liberdade, sujeito, razão, direito, contrato social etc.? Ou seria possível imaginar políticas de desenvolvimento sem as teorias econômicas de personagens como Walt Whitman Rostow, Milton Friedman ou instituições como a CEPAL?

Portanto, o desafio é reconhecer as bases que tornam difícil ou impossibilitam compreender a complexidade ambiental, entender como a divisão ser-humano-natureza se expressa na filosofia e nas ciências sociais modernas, e, em seguida, colocá-las em diálogo com outras epistemologias e ontologias, verificando as alterações necessárias. Dessa forma, é necessário colocar novamente a ênfase na vida.

## Referências

ADICHIE, C. **El peligro de la historia única**. TED, 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=es](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=es)>.

ESCHENHAGEN, M. L. Los límites de la retórica verde o ¿Por qué después de más de 30 años de esfuerzos no se observan mejoras ambientales sustanciales? **Revista Gestión Y Ambiente**, 13, p. 111–118, 2010.

\_\_\_\_\_. Desafíos para pensar desde la vida en las ciencias sociales. **Polis Revista Latinoamericana**, 41, 2015a. Disponível em: <<http://polis.revues.org/10909>>

---

<sup>8</sup> Nesse ponto, entraria uma reflexão completa sobre políticas estatais para reduzir ou eliminar a filosofia e as ciências sociais dos planos curriculares nas escolas, em um grande número de países.



\_\_\_\_\_. El fracaso del desarrollo sostenible: la necesidad de buscar alternativas al desarrollo, algunas entradas. In GONZÁLEZ SERNA, A.; AGUIAR GOMES, E. T. (Eds.). **Espacio, políticas públicas e território**: Reflexões a partir da América do Sul. Recife: UPFE, 2015b. p. 72–102).

LEFF, E. **Pensamiento Ambiental Latinoamericano**: Patrimonio de un Saber para la Sustentabilidad. 2009. Disponível em: <http://www.cep.unt.edu/papers/leff-span.pdf>.

\_\_\_\_\_. La apuesta por la vida, imaginación sociológica e imaginarios sociales en los territorios ambientales del sur. México: Siglo XXI, 2014.